



História da Historiografia: International
Journal of Theory and History of
Historiography

E-ISSN: 1983-9928

historiadahistoriografia@hotmail.com

Sociedade Brasileira de Teoria e História
da Historiografia

Ribeiro Júnior, José

Memórias de um profissional de história

História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography,

vol. 6, núm. 11, abril, 2013, pp. 33-44

Sociedade Brasileira de Teoria e História da Historiografia

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=597769678004>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

Memórias de um profissional de história

Memoirs of a professional of history

José Ribeiro Júnior

jribjr@uol.com.br

Professor Titular

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Av. Dom Antonio, 2100 - Parque Universitário

19806-900 - Assis - SP

Brasil

Resumo

Dentro do quadro de proposições deste número da revista *História da Historiografia*, relata-se, de forma concisa, a trajetória de um professor universitário de história. Trata-se de alguém que narra sua licenciatura na USP, sua participação em inícios de cursos de graduação e pós-graduação numa cidade do interior do Estado de São Paulo, inclusive fazendo parte dos primórdios da Universidade Estadual Paulista (UNESP). O autor aborda, também, aspectos de sua vida acadêmica e institucional, relatando, ainda, o processo de sua inserção em linha historiográfica definida. Observe-se, introdutoriamente, que o leitor nem sempre encontrará uma ordem cronológica linear, por força da multifacetada natureza das atividades de um professor universitário de história. Advirto, também, não terem sido feitas as citações bibliográficas completas por entender que escrevo para especialistas do *métier de l'historien*.

Palavras-chave

Formação acadêmica; Historiografia; Historiador.

33

Abstract

Within the proposed framework for this issue of the journal *História da Historiografia*, the present article is a concise report on the trajectory of a university professor of history. The author writes on the obtainment of his degree at the USP, his participation in the beginning of undergraduate and graduate courses in the interior of the state of São Paulo, including the experience of taking part in the beginnings of the public university Universidade Estadual Paulista (UNESP). The author also discusses aspects of his academic and institutional life, and reports on the process of his insertion in an established historiographical line of work. It can be introductory noted that the reader will not always find a linear chronological order, due to the multifaceted nature of the activities of a university professor of history. An additional note is that I have not made complete bibliographical citations, as I understand that the readers are specialists in the historians' craft.

Keywords

Academic educational; Historiography; Historian.

Enviado em: 14/12/2012

Aprovado em: 4/3/2013

Ora, viver é mudar (FEBVRE 1989, p. 42).

Observe-se, introdutoriamente, que o leitor nem sempre encontrará uma ordem cronológica linear, por força da multifacetada natureza das atividades de um professor universitário de história. Advirto, também, não terem sido feitas as citações bibliográficas completas por entender que escrevo para especialistas do *métier de l'historien*.

Da graduação em história da Universidade de São Paulo (USP) até a minha situação atual de Ouvidor-Geral da Universidade Estadual Paulista (UNESP) há, declare-se, muito esforço de aprendizagem, posição em que me coloco, permanentemente, em face da vida, especialmente da acadêmica.

A graduação

Ingressei no curso de história da USP no ano de 1960. Nessa época eu já pensava que a história continha em si todas as ciências humanas. Achava consciente minha escolha e almejava ser um *professor secundário* do ensino público.

O período de minha graduação ocorreu numa época de grande ebulação política e social, infelizmente culminando com o Golpe Militar de 1964. Na cerimônia de formatura de minha turma, no Teatro Municipal, em maio, o patrono escolhido, professor Mario Schenberg, foi vetado e substituído pelo professor Florestan Fernandes, fazendo um discurso que se transformou em texto básico de luta dessa geração. A sua fala foi publicada na revista *Civilização brasileira*, órgão de resistência, vetada em 1968, por força do AI-5.

Os quatro anos de minha graduação transformaram um jovem de 20 anos de idade, de família sem tradição intelectual do bairro operário do Brás, cidade de São Paulo, em aprendiz e participante de um mundo completamente novo. O curso era composto por corpo docente com diretrizes herdadas da chamada "Escola Francesa".

Entrei no curso noturno, minha primeira opção, e conheci alunos que trabalhavam e estudavam. Minha intenção era fazer o mesmo. Apenas 17 alunos passaram num vestibular bem diferente do atual. Os catedráticos orientavam e participavam dos exames escritos e orais. O objetivo era o de selecionar elite. Se hoje se faz ainda essa crítica, imagine-se nos anos 1960! No ano do meu ingresso na Faculdade de Filosofia (assim era chamada), o curso de história, que há pouco tempo se separara da geografia, foi instalado na cidade universitária. Nem havia asfalto ao redor do prédio provisório. Ainda cursei antropologia nas dependências da Rua Maria Antônia.

Tive professores célebres, como Sérgio Buarque de Holanda, que não chegou a exercer influência na minha formação, a não ser o gosto pela erudição (foi marcante sim, mais tarde, quando conheceria as magníficas *Visão do Paraíso* e *Raízes do Brasil*, publicações bem anteriores, entre outras obras importantes). O Dr. Sérgio, como era chamado pelos assistentes, tinha formação diferente da maioria dos catedráticos e professores. No departamento de história predominava a "École des Annales" e a herança marcante deixada por Fernand Braudel. Essa é a formação básica que me passaram com assinaladas influências

de March Bloch, Lucien Febvre, Ernest Labrousse e Pierre Chaunu, para citar apenas alguns. Esses e outros autores, que à frente serão nominados, ficaram introjetados neste estudante que se apaixonava progressivamente pela história. É a graduação, com certeza, que deixa as marcas mais importantes na maioria dos estudiosos, principalmente no caso da formação do historiador.

Sem desmerecer os mestres que tive, devo assinalar na minha graduação e perdurando durante minha vida profissional, as presenças de Emilia Viotti da Costa, Fernando Antonio Novais – meu principal modelo – e Eduardo d’Oliveira França.

As disciplinas de “Introdução aos estudos históricos”, no primeiro ano, e “Teoria da história”, no quarto ano, foram ministradas por essa professora-pesquisadora, com quem aprendi muito e em quem reconheci a excelente formadora, dentro e fora da sala de aula. Para além de clarear conceitos que me pareciam bem difíceis, ela colocava sua biblioteca particular à disposição do aluno. Fui muitas vezes à sua casa em busca de livros. Iniciou-me também na pesquisa de arquivo.

O professor França, figura humana ímpar, além de vasta erudição e produção historiográfica adiante do seu tempo, no que diz respeito aos seus enfoques da participação coletiva na história e à história da mulher (que sempre cobrava em suas arguições de teses), dava aulas empolgantes, didáticas e repletas de motivação. Sua principal influência em mim foi o reforço do gosto pela tarefa de ensinar, pela demonstração de orgulho em ser professor.

Fernando Novais, além de orientador seguro, suas aulas eram de uma riqueza total. Possuía uma formação completa nas ciências humanas. Não conheci ninguém com conhecimento tão erudito, incluindo o marxismo mais refinado, e uma capacidade inigualável de transmitir conceitos e acontecimentos historiográficos. Fui e sou privilegiado por tentar seguir suas pegadas inatingíveis e conseguir privar de sua amizade. Na pesquisa, como veremos mais adiante, segui suas formulações orientadoras ao realizar meus trabalhos acadêmicos.

Essa, em rapidíssima síntese, a formação que obtive, passada pelos meus mestres. Acrescente-se, ainda, que a maioria de docentes do departamento não aceitava o enfoque marxista, o que foi sempre um ponto de discórdia na graduação da USP. Muitos alunos tinham extrema curiosidade e interesse, formando grupos de estudo dos quais eu participava.

O ambiente encontrado entre os meus colegas foi bastante enriquecedor. O contato mais importante, para mim, sem esquecer muitos outros, foi a aproximação com Carlos Guilherme Mota. Nossa encontro foi motivado pelo Centro de Estudos Históricos “Affonso D’Escagnole Taunay”, órgão estudantil do curso de história, que estava há algum tempo sem funcionar e sem direção. Reerguemos o “Taunay”, conseguimos a confiança dos alunos e professores, inclusive do diretor do departamento, Eurípedes Simões de Paula, um dos fundadores e primeiro presidente da Associação Nacional de Professores Universitários de História (ANPUH). Programamos atividades culturais, feiras de livros, excursões, aproximações entre os alunos e professores. Importantes nessa tarefa foram a adesão e a presença constante de alguém que nos ensinou a ter dignidade e caráter acima de qualquer coisa. Seu nome: Hélio de Alcântara Pinto, capitão do Exército Nacional, depois cassado pelo governo

militar. Posteriormente, seria assessor de Florestan Fernandes, na Câmara Federal. O Capitão Hélio, prematuramente falecido, ajudou muito na politização de nossas atividades.

Carlos Guilherme, que possuía bom ambiente intelectual familiar, além da amizade de que desfrutamos, ensinou-me a estudar e, porque não dizer, a ambicionar uma carreira universitária. Formamos boas amizades na universidade, incluindo professores visitantes, como Joaquim Barradas de Carvalho, figura de porte erudito e de amizade a toda prova. Chegamos a participar de um Congresso, no Estado da Bahia, de um órgão estudantil intitulado Federação Brasileira de Centros de Estudos Históricos. Nossa orientação política, embora sem filiação partidária, era, por coerência, do Centro Acadêmico da Maria Antonia, ligado à Política Operária (POLOP), cujo mentor era Mario Schenberg.

No terceiro ano passei para o período diurno e comecei a dar aulas à noite, no então curso secundário. Com muito trabalho e muita participação estudantil, sinto-me orgulhoso do curso de história que fiz. Fui da turma seguinte à de Carlos Guilherme. Ele e Istvan Jancsó (de inteligência e seriedade notáveis) foram convidados para trabalhar em história moderna e contemporânea, onde já lecionava Novais. O professor França, enquanto catedrático, fazia o convite. Ser convidado por ele era a suprema glória. França escolhia os melhores.

Quando me formei, no ano seguinte, fui sondado por alguns professores do departamento. Entretanto, a Faculdade de Filosofia de Assis (FAFIA), antigo Instituto Isolado do Estado, me convocava, com tempo integral, na disciplina de história do Brasil. Preferi e fui aconselhado pelo professor França a enfrentar o desafio de fazer parte de uma equipe para ajudar na montagem de um novo curso de história, que estava no seu terceiro ano de vida.

36

Ensino superior: curso de história na FAFIA (1965-2002)

Fui para o curso de história de Assis, então Instituto Isolado do Estado de São Paulo. Fundado em 1958, possuía um curso de letras já conhecido pela direção do professor Antonio Soares Amora (catedrático de língua e literatura portuguesa da USP), teve a militância docente de Antonio Candido, até hoje o modelo mais admirado pela intelectualidade brasileira.

O curso de história estava na metade do seu terceiro ano de vida. O departamento me selecionou para assumir a disciplina de história do Brasil, devido à saída de José Ferreira Carrato (já com publicação de livro na Coleção Brasiliana) e vasta experiência de ensino. A minha experiência no magistério era de apenas dois anos no então secundário do Liceu Acadêmico São Paulo. Assustado, mas atrevido e encorajado, assumi, em 2 de agosto de 1965, como instrutor, o primeiro degrau da carreira e o menor salário. O outro era de regente, com o maior salário. Mudava-me para uma cidade distante 440 km de São Paulo, com esposa e dois filhos, um menino ainda de colo e uma menina de menos de dois anos de idade.

Minha bagagem continha, igualmente, livros e indicações bibliográficas fundamentais, graças à generosidade e amizade de Fernando Novais, com quem mantendo contato até hoje.

Na mesma data iniciou em Assis o professor Nilo Odalia, com formação básica em filosofia e quem eu já conhecia do Museu Paulista. Ele já escrevia no *Estadão*, tinha sólida formação intelectual historiográfica, filosófica e literária e vasta experiência no ensino de segundo grau. Também originário de São Paulo (USP), foi selecionado para responder por *Introdução aos estudos históricos* e depois por *Teoria da história*. Foi como regente e logo fez seu doutorado. Com Nilo aprendi, entre muitas coisas, o hábito da leitura de grandes literatos, ao lado de historiadores. Essa convivência foi importante para mim e me transmitia autoconfiança. Influenciou na criação do Clube de Cinema da FAFIA, que me forneceu referências inusitadas de aprendizagem.

O departamento de história era pequeno. Todos cabíamos numa só sala de estudos e ao lado da Biblioteca, que era departamental. Heloísa Liberalli Bellotto ministrava história antiga e medieval. Manoel Lelo Bellotto, história da América e Virgílio Noya Pinto, história moderna e contemporânea. Com cada um aprendi alguma coisa: desde o rigor da citação bibliográfica até formas éticas de exercício da profissão de historiador. Interessante notar que esse nascente curso tinha um currículo que não nomeava as disciplinas, como nos cursos tradicionais, de história da civilização brasileira, da América e as demais, o que eu achava correto.

Dos colegas da “primeira turma” influenciou-me sobremaneira Virgílio Noya Pinto. Ele passara considerável período estudando com os grandes mestres franceses da época, principalmente os quantitativistas. Outro exemplo é o de Maria Luiza Marcilio, que veio posteriormente. “De Paris para Assis” foi uma expressão usada por um tempo para caracterizar jocosamente, mas com fundo de verdade, a formação do curso de Assis, seja por esses e outros casos de professores que passaram por formação na capital da França, seja pela influência do curso da USP, de onde provinha a totalidade desses primeiros professores que fundaram o curso de história de Assis.

Desse núcleo básico iniciamos um departamento com espírito de equipe e consciência do que se estava criando. Outros professores (impossível arrolar todos) foram selecionados para trabalhar em Assis: Anna Maria Martinez Correa, Antonio Carlos Bernardo, Jaime Pinsky, Arnaldo Daraya Contier são alguns nomes importantes. Anna Maria tornar-se-ia a figura mais proeminente do departamento. Rendo a ela a homenagem e o reconhecimento de ser a pessoa que mais se dedicou e produziu no curso de história de Assis, tanto na graduação como na pós-graduação. Com atuação constante e criativa, fundou o Centro de Documentação do Campus (hoje CEDAP) e o Centro de Educação e Memória da UNESP (CEDEM) em São Paulo, em ambos usando muita constância e garra para superar dificuldades. CEDAP e CEDEM estão hoje consolidados na UNESP, bem como a pós-graduação, que é respeitada em todo o Brasil.

Tenho orgulho em anotar que participei do lançamento da publicação anual intitulada *Anais de história*, dirigindo-a por alguns anos, desde o primeiro número. Trocara, então, a verba a mim destinada para publicar meu próprio mestrado, assegurando o número inicial de um periódico. Os *Anais* absorveria, mais tarde, a revista *Estudos históricos*, de Marília, e resultou na atual revista *História*,

indexada há tempos pelo bom nível que manteve desde a sua origem. Participei, também, da fundação da *Revista brasileira de história* da ANPUH, entidade da qual fui diretor da regional São Paulo por dois mandatos e presidente da Associação Nacional por um biênio, sucedendo a professora Alice Piffer Canabrava. Colega sempre presente nessas atividades foi a atuante Raquel Glezer, a quem admiro até hoje. A participação nos simpósios e reuniões desse órgão representativo, sempre com comunicações, deu-me uma esplêndida oportunidade de contatos com pesquisadores e universidades de todo o Brasil. Diga-se, ainda, que havia boa mobilidade para manter uma ligação permanente com o departamento de história da USP. Essa convivência propiciou o meu primeiro artigo, "O Brasil monárquico em face das repúblicas americanas", em obra coletiva, ao lado de Carlos Guilherme Mota (que organizou a publicação) e nomes como o de Emilia, Boris Fausto e Novais, entre outros. Foi publicado no *Brasil em perspectiva*, em 1968. Chegou a ter 20 edições, ao longo dos anos, até 2001, pela Difusão Europeia do Livro, influenciando algumas gerações de estudantes dos cursos de história.

Retomando a vida formativa do departamento de história de Assis, é notável salientar o grande espírito de equipe que prevalecia entre seus membros. Um corpo discente muito empenhado, pequeno ao início, que depois cresceu bastante, aceitava as orientações dos professores. Estes buscavam a troca frequente de ideias entre suas pesquisas e programavam, inclusive, leituras comuns para serem passadas aos alunos. A estudiosa marxista Marta Hanecker, *Os conceitos elementares do materialismo histórico*, e Louis Althusser, *Aparelhos ideológicos do Estado*, entre outros, eram autores discutidos em sala de aula por todos durante alguns anos. Se, de acordo com alguns críticos, a chilena era caracterizada como *estruturalista* e o francês de *positivista* isso não importava. Necessitávamos de elementos teórico-críticos para discutir e combater as falsas colocações capitalistas da ditadura militar no Brasil, cada vez mais impositiva. Leríamos, depois (não todos), Gramsci e Lukács, para nos informar do todo marxista. Independente da polêmica, vale repisar, fazíamos emergir elementos de reflexão para estudar a história, sobretudo a que então nos envolvia.

Dessa forma e nesse caldo de grandes historiadores e ativos militantes políticos, formava-se um grupo de historiadores que absorvia os marxistas Pierre Villar, Albert Soboul e Georges Lefebvre, os expoentes, como Benjamin e Adorno da "Escola de Frankfurt" e o grupo de excelentes e modelares historiadores ingleses, como Eric Hobsbawm, Edward Thompson e Christopher Hill. Essa foi a origem do eclético grupo de Assis. Com o tempo surgiram novas tendências com base na *nouvelle histoire*, divulgada inicialmente por Jacques Le Goff e Pierre Norah, com *Faire de l'histoire* (1973) que, a meu ver, foi muito mal compreendida por muitos. A chamada "terceira geração" dos *Annales*, dentro da história das mentalidades, enfatizava a história do medo, da morte, da sexualidade, temas que eu considerava na época, dada a minha formação, como muito subjetivos. Na verdade, me desiludiam alguns trabalhos que apareceram, até com sucesso editorial, tratando de problemas muito parciais, com mínima relação com as estruturas econômicas, socioculturais e políticas das sociedades. Foi a minha ótica durante bom tempo sobre as novas tendências.

Alguns professores de Assis aderiram às novas proposições e influenciaram alunos. Tornaram-se, ao contrário do que ocorria na minha graduação, antimarxistas. Nesse e outros períodos seguintes, houve algumas alternâncias no corpo docente de história, incluindo alunos formados pelo próprio curso. Notórias colaborações foram trazidas por professores, por substituições dos que foram para a atual FCL de Araraquara ou retornaram para a USP, e outras no rescaldo da junção do curso de história de Marília, com a fundação da UNESP, em 1976. Marília tinha excelentes professores e uma revista de ótimo nível, conforme acima mencionado. Batalhamos e conseguimos o estabelecimento do curso noturno de história em Assis, depois de muita luta.

O *campus* de Assis foi crescendo, com a criação de novos cursos provocando a saudável interdisciplinaridade. Psicologia e filosofia aumentavam a interlocução e o agito dos inquietos estudantes em número crescente. Filosofia trouxe ao *campus* uma grande efervescência intelectual, pela qualidade de seus professores. Tornou-se frequente a participação de professores da USP, que aguardavam concurso ou tempo integral e que ficavam por poucos meses, ou até anos, no nosso Departamento. Outros vieram para ficar e continuam os baluartes do departamento. Trazíamos ótimos conferencistas nacionais e estrangeiros, cineastas, teatrólogos e historiadores. Entre eles, o cubano Manuel Moreno Fraginals, de *El ingenio*, que se situa entre as grandes obras da historiografia contemporânea.

O curso de história da, hoje, Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, *campus* de Assis, situa-se entre os primeiros do país, tanto por sua graduação como pela bem conceituada pós-graduação.

39

Participação institucional, produção acadêmica e historiográfica

Nesta terceira parte farei uma síntese entrelaçada entre os conteúdos nomeados no subtítulo. É uma simultaneidade de ações exigidas do professor universitário, como se sabe. Essas histórias são conjugadas. Impossível fechar-se na pesquisa diante das solicitações burocráticas, organizativas e corporativas.

A atividade administrativa em Assis sempre absorveu um tempo precioso, mas necessário. Além da preparação de aulas que me fizeram ministrar cursos de Brasil Colônia, Império e República, com muito esforço e dedicação, era instado a ocupar funções administrativas, como chefia do departamento. Tinha que, sem experiência em gestão, aprender, na prática, a administrar o departamento e, como tal, participar dos conselhos da faculdade e da congregação. Seria chefe por vários biênios, enfrentando oposições naturais. Essa atividade assustava tanto quanto responder pela disciplina de história do Brasil. Fui responsável, também, por um tempo, pela disciplina cultura brasileira, no curso de letras. Logo receberia o reforço de Arnaldo Contier e, depois, de Glacyra Lazzari Leite, em história do Brasil. Na chefia, Anna Maria, Belloto e Glacyra mostravam habilidade de liderança. E houve épocas difíceis. O “assembleísmo” já era atividade corriqueira, naquele tempo.

Das lutas mais difíceis travadas em grupo, colocou-se, num tempo ameaçador, a obrigatoriedade do curso de estudos sociais em lugar da licenciatura

em história. A inclusão da disciplina de educação moral e cívica se adicionou à tentativa de esvaziar o “perigo” da politizante história. A batalha foi nacional, juntando-nos às instituições associativas como ANPUH e universidades públicas de todo o Brasil. Outra luta ferrenha referiu-se à criação da UNESP, enquanto universidade. Propunham-se junções de cursos e o de história, de Assis, ficou muito a perigo. Conseguimos mantê-lo e o de Marília foi extinto. Pouco depois perdemos o curso de filosofia, transferido para Marília. A fundação da Universidade, em 1976, foi sofrida para as Humanidades. Diga-se, aliás, que as Ciências Humanas não são tão bem aquinhoadas pelos órgãos de financiamento quanto as Exatas, Biomédicas e Tecnológicas. Senti isso ainda mais quando eleito para um mandato de quatro anos, entre 1989 a 1992, na direção da Faculdade de Letras, História e Psicologia de Assis (nome então dado à FAFIA, hoje Faculdade de Ciências e Letras de Assis). O primeiro ano de gestão ocorreu coincidentemente à discussão e elaboração de novos estatutos da UNESP e fui sempre fiel ao levar as propostas da congregação de Assis ao conselho universitário da UNESP. Havia propostas de novos cursos e consegui que se aprovasse o curso de biologia. Pensava em completar as ciências humanas com a ciência da vida. Biologia desdobrou-se em outros cursos e a faculdade passou a receber mais aportes financeiros, que beneficiaram os cursos de história, letras e psicologia.

40

Em 1993, fui chamado pelo reitor eleito para ser pró-reitor de pós-graduação e pesquisa da UNESP, depois de trabalhosa gestão local e regional na graduação e pós-graduação. Iniciou-se, para mim, uma nova vida, ampliando os contatos com realidades distintas, nas odontologias, engenharias, veterinárias e medicina. Tive a sorte de contar com excelentes assessores das diversas áreas do conhecimento, excelente corpo técnico-administrativo e, sobretudo, uma herança bem estruturada da pesquisa e pós-graduação na Universidade, deixada pelo professor Antonio Manoel dos Santos Silva, eleito para vice-reitor de Arthur Roquete de Macedo. Foi uma atividade diurna, passando a viver novamente em São Paulo, com muitas viagens a Brasília, onde se localizavam os órgãos reguladores e financiadores, acrescidas às viagens frequentes às 15 cidades de uma universidade *multicampus*. Algumas cidades como Botucatu, Araraquara e Bauru possuíam três ou quatro faculdades ou institutos. Minha visão da UNESP, evidentemente, ampliou-se. Valeu-me a percepção humanística de minha formação junto aos estudiosos de história. Houve, em minha gestão, um crescimento natural da quantidade e da qualidade que nunca deixei de perseguir em todas as atividades.

Mantive-me sempre ligado à Faculdade de Ciências e Letras de Assis, principalmente à pós-graduação, onde pude contribuir para a formação de mestres e doutores, mas a minha vida em São Paulo, com o trabalho exercido na reitoria, propunha novos trabalhos. Após a pró-reitoria, fui nomeado diretor-presidente da Fundação para o Vestibular da UNESP - VUNESP (1988 a 2001), responsável pela realização de vestibulares e concursos diversos, internos e externos à UNESP. Concomitantemente, fui membro da Comissão Permanente de Regime de Trabalho (CPRT) e principal relator da área de humanas, por quatro

anos. Presidi, também, o Conselho Curador da Fundação para o Desenvolvimento da UNESP (FUNDUNESP) e integrei o Conselho Editorial da Fundação Editora da UNESP, hoje plenamente consagrada. Fui indicado para compor a direção da Associação de Universidades Ibero-americanas (AUIP), com sede em Salamanca - Espanha. Já havia ocupado a direção Mercosul da Associação de Historiadores Latino-americanos e do Caribe (ADHILAC), com sede em Cuba, por vários anos. Essa militância internacional, como a experiência da ANPUH, ampliava meus horizontes historiográficos e de relações humanas.

Todas essas funções integravam o mosaico das atividades universitárias pelas quais passei, dificultando maior profundidade e dedicação às minhas pesquisas acadêmicas, como gostaria, mas foram cumpridas todas as etapas da carreira universitária. Realizei demoradas pesquisas no campo da história que, conforme apreciações de especialistas, válidas como de contribuição à historiografia. Suspeito pelo pecado da subjetividade, arrolarei, com breve reflexão pelo espaço restrito de um artigo apenas, o que pude realizar na *carreira acadêmica* e na *historiografia*. Realço (e já repetindo para enfatizar), que as atividades todas foram se intercalando durante a minha vida, como ocorre com os empenhados profissionais universitários de história e de quaisquer outras searas.

Passarei ao largo dos vários artigos dispersos, honrosos, no entanto, publicados nas principais revistas do país e anais de simpósios e encontros de história. Revistas estrangeiras eram pouco acessíveis, e assim permanecem para as Ciências Humanas. Orgulharam-me, ao início da minha carreira, dois verbetes no *Dicionário de história de Portugal*, dirigido por Joel Serrão. E, igualmente, como experiência resultante de uma disciplina ministrada na pós-graduação, publiquei o livro de divulgação *Independência do Brasil* pela Global Editora, que chegou à oitava edição.

Logo depois de graduado, cursei a especialização na USP, pré-requisito para o mestrado, envolvendo técnicas de pesquisa e metodologia, dirigido pelo professor Manuel Nunes Dias, que foi, também, meu orientador de pós-graduação e agiu sempre, comigo, de forma muito generosa e afável. Tive a oportunidade de contatar professores visitantes e destaco como principal Frederic Mauro, da Sorbonne, figura modesta, mas notável pela produção científica e pelos ensinamentos.

Meu mestrado foi antecedido por longa pesquisa e leituras, além de discussões com vários colegas e professores. Afinal, escolhi o período colonial da formação brasileira. Admirava o trabalho de Novais sobre o "antigo sistema colonial" e Nunes desenvolvera um trabalho sobre a Companhia de Comércio do Grão Pará e Maranhão. Atraiu-me a política econômica da colonização, demarquei o período do Marquês de Pombal e intencionava seguir as formulações de Caio Prado Júnior e o seu "sentido da colonização", depois, bastante ampliado pelo insuperável *Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial (1777-1808)*, de Fernando Novais, que, antes, escrevera trabalhos conceituais fundantes sobre a colônia portuguesa da América.

Obtive uma bolsa de estudos da Fundação Calouste Gulbenkian para realizar pesquisa em Portugal, especialmente, em Lisboa. Meu tema, inédito, A Companhia de Pernambuco e Paraíba (1750-1777). Em Assis fui substituído

nas aulas nos seis meses de trabalho árduo em arquivos, especialmente no Arquivo do Ministério das Finanças e no agradável Arquivo Histórico Ultramarino. Na Biblioteca Nacional de Lisboa, alguns livros raros e coleções de legislação (nestas já iniciara no Museu Paulista e na Faculdade de Direito da USP um levantamento de toda a legislação referente à América Portuguesa no Reinado de D. José I), muito mais atento à legislação respeitante à política econômica. Acrescentou-me muito a convivência com Joel Serrão, literato e historiador, e duas entrevistas com Vitorino de Magalhães Godinho sobre meu projeto de pesquisa. Assisti, também, levado por Serrão, a encontros literários, onde conheci José Tengarrinha, igualmente literato e ótimo historiador.

O material trazido de Lisboa, ao final de um semestre, era bastante para mais de uma tese. Antes da volta de Portugal viajei a Londres onde fui recebido por Charles Boxer, autor de vários livros a respeito do comércio no Atlântico. Fez observações importantes ao meu projeto referente à Companhia.

Voltei para o Brasil muito motivado e redigi minha dissertação de mestrado, que apresentei na USP, em 1969. Versava sobre "A legislação econômica pombalina para o Brasil". A coerência da política econômica, ao lado de muitas outras ações colonizadoras, mostram nesse, como em outros períodos, o esforço racional e a eficácia administrativa de um reino, acomodado na primeira metade do século XVIII – em relação aos países que já começavam a transição do capital comercial para o industrial – objetivando a conservação de um vasto Império Colonial. Ficavam evidentes as intenções de melhor aproveitamento da colônia da América e as demais, com uma política visando ao enobrecimento do comerciante e ao aburguesamento da nobreza. As leis sobre a arrecadação do ouro (em diminuição, depois de 1750, e sob constante contrabando na América portuguesa), representaram estruturada tentativa para a conservação do patrimônio de muitas décadas. O incentivo à industrialização em Portugal aparece claramente e a criação de instituições comerciais representava uma tentativa de fazer face ao expansionismo inglês, holandês e francês. Estes agiam por toda parte do Atlântico e Pacífico. E, nesse amplo contexto, o poderoso ministro Marquês de Pombal criava as Companhias de Comércio do Grão Pará e Maranhão e a de Pernambuco e Paraíba.

Para o doutorado escrevi uma tese relativa à Companhia de Comércio. A formação do capital da empresa demonstra todo o esforço de arregimentação de recursos financeiros. Os privilégios dados às Companhias defendiam a produção e a exploração de vasta área colonial, incluindo o tráfico de escravos, objeto de grande concorrência internacional, além de couros e açúcar. O privilegiamento buscava a participação de reinóis instalados na colônia, elos importantes para a partilha da colonização. Essa associação, importante para a conservação de áreas exploratórias, continha, em seu bojo, as contradições do "sistema". Novais comprova essa inversão posterior, onde se encaixam meus demonstrativos referentes à Companhia. As vicissitudes e contradições de um instrumento colonizador em trânsito são cabalmente expostas em minha tese sobre a Companhia Geral de Pernambuco e Paraíba. A tese sobre o funcionamento da empresa comercial contém vasta documentação - base da narrativa de seu funcionamento. Aliás,

em termos de historiografia, eu me caracterizo por ser mais um pesquisador de arquivo do que um teórico (sem descuidar do essencial, porém).

Defendi a tese de doutorado em 1972, sob o título de sua publicação: *Colonização e monopólio no nordeste brasileiro*, pela Editora Hucitec (SP), em 1976. Uma segunda edição foi publicada pela mesma Editora, em 2004. Uma versão resumida, a pedido, direcionada para ilustrar o produto da exploração colonial que se esvaía, por todos os meios, do Império Português, foi publicada pela Editora Horizontes, em Lisboa (1980), sob o título *Problemas da acumulação capitalista em Portugal*.

Minha livre-docência, defendida nove anos depois do doutorado (o concurso de professor titular que me daria estabilidade no serviço público viria naturalmente) demandou novas pesquisas, dessa vez com bolsa oferecida pelo Instituto de Alta Cultura de Portugal. Já se respiravam outros ares, após a Revolução dos Cravos, desde 1974. Serrão foi meu orientador local e pude rever figuras muito queridas, como Magalhães Godinho e Barradas de Carvalho, todos exultantes com a queda da longa ditadura Salazarista e seu sucessor Marcelo Caetano. Voltava aos arquivos portugueses (frequentaria também os arquivos de Pernambuco e do Rio de Janeiro) e viajei mais de uma vez para continuar o estudo sobre Pernambuco na conjuntura da transição para a Independência. Desta feita, o núcleo básico estava nas “Balanças de Comércio”, documentação preciosa guardada principalmente no Arquivo do Instituto Nacional de Estatística. Observei a série completa e elaborei *Pernambuco no Comércio Luso-Brasileiro da Transição (1780-1826)*. Alarguei o período estudado, de forma irretorquível e modelar, pelo historiador José Jobson de Andrade Arruda, no seu *Brasil no Comércio Colonial (1796-1808)*.

Na minha tese de livre-docência já se esboçavam as formas peculiares que se revelariam nas independências regionais pelo estudo dos diferentes portos de exportação. Para Pernambuco, Denis Bernardes (falecido neste ano de 2012 e a quem homenageio como historiador e como figura humana) demonstraria, para a região, em publicação de 2006, as implicações políticas dos quantitativos que trabalhamos na década de 1980. 1817 e 1824 seriam claras demonstrações dos interesses políticos e econômicos envolvidos. Esse meu trabalho não chegou a ser publicado, mas me foram pedidas, de várias partes do Brasil, muitas cópias. Ainda pretendo refazê-lo sob a ótica hodierna absorvida do Projeto Temático “Brasil: formação do Estado e da Nação (1750-1850)” e um dos seus desdobramentos, a revista *Almanack*, além de livros publicados por seus integrantes, dirigido e inspirado pelo historiador István Jancsó, outra irreparável perda para a historiografia com o seu falecimento recente.

Com ele, e graças à sua generosidade, nas dependências do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da USP, convivi num período pós-aposentadoria, com talentosos historiadores atuais de todo o país e dos novos colegas historiadores do departamento de história da USP, que integravam o riquíssimo projeto e a revista, retomando o gosto pela história. Acrescento que, embora minha referência esteja no núcleo paulista, bairrismo não faz sentido, valorizo devidamente as ótimas produções de historiadores de outros estados. Ainda a respeito dessa

reconciliação, impossível omitir a influência da decisiva e conhecida *História da vida privada no Brasil* (1997), dirigida e com novos e admiráveis escritos de Fernando Novais, entre outros, e a *Nova história em perspectiva* (2011), do mesmo autor, em parceria com Rogério Forastieri da Silva. O estado da boa fase da historiografia atual se confirma, a meu ver, com outro Projeto Temático financiado pela FAPESP, “Dimensões do Império Português”, coordenado pela excelente historiadora Laura de Mello e Souza, e divulgado na revista *Pesquisa FAPESP* de novembro de 2012.

Tenho acompanhado os novos lançamentos de qualidade e minha posição tem sido a de “consumidor”, como costumo dizer aos meus colegas que me reincitam à pesquisa.

Para finalizar e concluindo estas memórias, com miríades de recordações comoventes para mim, posso usar tintas multicoloridas. Minha fase atual da vida, que chamo de *pós-aposentadoria*, tem sido de um trabalho mais livre e seletivo. De 2002 a esta data, tenho procurado ser útil. Em 2004, quando fui convidado pelo então reitor da UNESP, Marcos Macari, para organizar a Ouvidoria-Geral da Universidade, aceitei esse novo desafio. Permaneço na função até agora, nesta virada para 2013. Abandonei, provisoriamente, as pesquisas documentais de historiador, mas não as leituras e atualizações. Ainda escrevi, nesses anos, mais de 40 artigos no *Jornal Unesp* sobre *cultura cidadã e participação universitária*. Mantenho minha natureza de eterno aprendiz nesta caminhada, todavia inconclusa, relatada neste dignificante espaço.

44

Referência bibliográfica

FEBVRE, L. **Combates pela história**. Lisboa: Presença, 1989.